CONSTRUTIVISMO_(DES) METODOTIZAÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma revisão bibliográfica acerca dos métodos de alfabetização, levando em conta que a alfabetização envolve um conjunto muito complexo de fatores e exige habilidades e competências necessárias para lidar com estes desafios e requer um conhecimento considerável concernente as teorias e métodos. Pretende-se discorrer a luz da comparação de diversos autores, os métodos de alfabetização e suas contribuições teóricas e metodológicas ao papel do professor alfabetizador. Essa temática é de fundamental importância para o professor alfabetizador, a fim de que o mesmo possa intervir no processo de aprendizagem de seus alunos de maneira mais eficaz e melhor embasada no que diz respeito ao processo de aquisição da leitura e da escrita.

O processo de alfabetização é amplo e complexo, e, implica não só a capacidade intelectual, mas também diferentes fatores de ordem social, emocional, físico e psicológico da criança e requer dos educadores interação com todas as áreas para que o aluno possa desenvolver suas potencialidades. O método de alfabetização infantil usado no Brasil pode ser a causa de tantas crianças terminarem o ensino primário sem ter o completo domínio da leitura e de compreensão de textos. Essa foi a conclusão da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados diante do relatório Alfabetização Infantil: OS Novos Caminhos, encomendado pela própria comissão a um grupo composto por sete especialistas na área de educação.

De acordo com CESCO (2004), ao longo do tempo o conceito de alfabetização mudou, para responder as necessidades da sociedade, muitos métodos e processos de alfabetização foram criados, modificados e adaptados tentando aperfeiçoar ao máximo o processo de ensino da escrita e leitura. Enquanto a necessidade de alfabetização é um ponto indiscutível, porém, a utilização do método e da cartilha no processo é um tema que gera polêmica por parte dos professores alfabetizadores.

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, já que a muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações e a evasão escolar. Atualmente, esta questão vem recebendo uma atenção especial da parte dos órgãos oficiais, os quais, entretanto, não têm obtido resultados expressivos em suas tentativas de solucionar os problemas citados.

Sendo a aprendizagem é um processo linear, decorrente da conjugação de estímulos e respostas, cujo objetivo é a aquisição ou a modificação de comportamento, o método é entendido como um fator fundamental da aprendizagem, como ‘um caminho a seguir’, que deve ser conduzido habilmente a fim de que não sejam queimadas etapas.

Toda essa bibliografia preocupada em apresentar orientações pedagógicas, proposições metodológicas para o ensino da leitura e da escrita, numa perspectiva psicogenética, procura-se evitar o termo método, substituindo-o por proposta, é preciso porém, advertir: esta estratégia não será mais do que uma mera “substituição” de termos se se atribui a método o sentido que propus: soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, lingüísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados; se, porém, se atribui a método o conceito estereotipado que esse termo adquiriu, isto é, método de alfabetização identificado com os tipos tradicionais de métodos – sintéticos e analíticos, e que é confundido com manual, conjunto de prescrições geradoras de uma prática rotineira, não será apenas uma substituição de termos, mas uma radical mudança conceitual. Neste caso, a diferença entre método e proposta será aquela que Margarida Gomes Palácio aponta, em OS filhos do analfabetismo: a diferença entre método e proposta reside no fato de que o primeiro está centrado no processo que o professor deve seguir e a proposta de aprendizagem, no processo que a criança realiza (Ferreiro, 1990, p. 100).

Mas é preciso não ter medo do método: diante do assustador fracasso escolar, na área da alfabetização, e considerando as condições atuais de formação do professor alfabetizador, em nosso país, estamos sim, em busca de um método, tenhamos a coragem de afirmá-lo. Mas de um método no conceito verdadeiro desse termo: método que seja o resultado da determinação clara de objetivos definidores dos conceitos, habilidades,

atitudes que caracterizam a pessoa alfabetizada, numa perspectiva psicológica, lingüística e também (e talvez sobretudo) social e política; que seja, ainda o resultado da opção pelos paradigmas conceituais (psicológico, lingüístico, pedagógico) que trouxeram uma nova concepção dos processos de aprendizagem da língua escrita pela criança, compreendendo esta como sujeito ativo que constrói o conhecimento, e não ser passivo que responde a estímulos externos; que seja, enfim, o resultado da definição de ações, procedimentos,técnicas compatíveis com esses objetivos e com essa opção teórica. Sem proposições metodológicas claras, estamos correndo o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos, em nome de uma nova concepção da aprendizagem da escrita e da leitura, sem orientar os professores na “tradução” dos resultados gerados pelas pesquisas em uma prática renovada na sala de aula, ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtivista da alfabetização e a ortodoxia da escola, ou, finalmente, porque podemos incorrer no espontaneísmo, considerando, por falta de suficiente formação teórica, qualquer atividade como atividade intelectual, e qualquer conflito como conflito cognitivo. E não temos o direito de submeter, mais uma vez, as crianças brasileiras a tentativas fracassadas de lhes dar acesso ao mundo da escrita de leitura.

É preciso conscientizar a nação, os governantes, professores de que é urgentemente necessária a renovação dos sistema educativos: redefinição dos fins e funções, profissionalização da educação visando a qualidade educativa e a busca de caminhos novos para o processo de alfabetização. O modo de compreender o processo de alfabetização não foi sempre o mesmo, principalmente no que se refere a aplicação metodológica.

Assim, é conveniente apontar os principais métodos de Alfabetização utilizados historicamente para ensinar a ler e a escrever.

1. Método Sintético

O método sintético baseia -se no pressuposto de que a compreensão do sistema de escrita faz se sintetizando, juntando as unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita.

2. Método Analítico

Ao discorrer sobre o método analítico, Cesca (2003) considera que este método surgiu em oposição ao método sintético e concebe a leitura como um ato global e ideovisual, parte das unidades maiores para as menores, do todo para as partes, através da análise e decomposição.

3. O método Eclético

Surge no Brasil, em 1920, o método eclético, que visava comungar as descobertas advindas dos estudos relativos aos métodos anteriormente referidos. Este, foi considerado uma grande descoberta no campo metodológico, uma vez que se utiliza da análise e síntese ao contrario dos outros métodos sintéticos e analíticos. Cesca (2003) afirma que este é considerado global, porque parte de um todo, mas segue os passos do método sintético: som, sílabas, palavras, frase, concilia todos os processos, estabelecendo a liberdade de escolha do método de ensino de leitura e escrita.

2.CONSTRUTIVISMO : SUA INFLUÊNCIA NO PROCESO DE ALFABETIZAÇÃO

O grande desafio da alfabetização a partir da década de 80 não é mais as mudanças, técnicas ou métodos. Surge uma nova perspectiva na concepção de alfabetização, concepção esta que se dará a partir dos processos utilizados pelo aprendiz. O construtivismo surge como uma teoria sobre a origem do conhecimento, que busca caracterizar os estágios mais recentes, baseados nos estudos de Piaget, que considera o conhecimento como um processo de organização de dados.

Desta forma, direcionar o construtivismo para a questão da alfabetização, pode-se considerar que o mesmo oferece uma contribuição substancial na busca de compreensão da língua escrita.

Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), embasadas pela teoria construtivista desenvolvida pelo filósofo suíço Jean Piaget (1896-1980), tentam desvendar o processo de aprendizado infantil, mostrando que a alfabetização da criança não depende tanto do método de ensino e de manuais. Segundo as autoras, cada criança desenvolve sua própria maneira de aprender a ler e escrever, buscando construir seu conhecimento através de elaboração de hipóteses e so produto de um conflito cognitivo que permita a ela avanços frente ao sistema de escrita. Este processo inicia -se muito antes que a escola tradicional imagina, por se tratar de um sujeito disposto a adquirir conhecimento e que interage com o mundo físico, e não uma técnica particular, como é ensinado nos métodos. É a partir deste referencial que se muda a concepção do ato de alfabetizar ao demonstrar que a criança constrói o processo da lecto-escrita, conhecimento que a criança tem sobre a leitura e a escrita, seguindo o caminho próprio e determinado.

O construtivismo, como teoria aplicada a compreensão do percurso vivenciado pela criança, na tentativa de compreender como a escrita funciona, foi apresentado por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky na década de 80. no livro “ A psicogênese da língua escrita”. As autoras propõem uma inversão na discussão: “ mais do que pensar em métodos,é preciso compreender os processos de aprendizagem que a criança vivencia ao tentar reconstruir a representação do sistema alfabético.” (FRADE, 2004, p. 39).

Em suas pesquisas sobre a psicogenese da língua escrita, elas demonstram como se constrói, em níveis evolutivos, a compreensão do sistema alfabético de representação da língua, permitindo definir atividades e

intervenções pedagógicas que favorecem a compreensão da escrita e a superação das dificuldades desta aprendizagem. Para as referidas autoras, “ se entendermos a aquisição da escrita como produto de uma construção ativa, ela supõe etapas de estruturação de conhecimento”(p.24). Ferreiro, (1992, p.26) afirma que a criança como um sujeito ativo “é aquele que compara, ordena, categoriza, comprova, reformula, elabora hipótese, reorganiza uma ação interiorizada ou efetiva.”

3.PESQUISA DE CAMPO

Sendo aplicado um questionário para dois grupos distintos de alunos, sendo o primeiro alunos da etapa final do curso de Pedagogia e o segundo para professoras alfabetizadoras de uma escola de ensino fundamental, constando de questões a cerca da aceitabilidade dos diferentes métodos de alfabetização estudados e os que são colocados em prática durante o processo alfabetizador. Pode se verificar que na atualidade, os métodos sintéticos e analítico são bastante estudados, no entanto na prática em sala de aula estes são sobrepostos a utilização do método eclético. Esta é uma conclusão bastante polêmica, uma vez que há alfabetizadores que mantêm sua concepção de alfabetização arraigados a métodos antigos e de suposta eficácia.

4.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a cerca do estudo realizado, pode-se considerar que a história dos métodos de aprendizagem da leitura e da escrita, bem como a concepção de alfabetização , constituem elementos de muita polêmica entre os estudiosos do assunto, historicamente, a discussão dos métodos foi, em vários momentos, marcada por posições políticas, novos governos e, sem entrar no mérito dessas orientações, o que se pode afirmar é que história da aprendizagem da leitura é marcada pela oposição entre os métodos tidos como inovadores e os tradicionais (cf. SEE/MG, 2002). Ferreiro (2003) explica que o conceito de alfabetização muda de acordo com as épocas, as culturas, a chegada das tecnologias e demais inovações, tornando-se por isso, necessário que o professor esteja aberto as mudanças que ocorrem em seu tempo. O acompanhamento das mudanças exige do alfabetizador novas formas de tornar eficaz e prazeroso o processo de alfabetização.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Lingüística. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CESCA, Maria Inêz Salvador. Visão Histórica do Ensino – Aprendizagem da Lecto escrita. Disponível em < <http://members.tripod.com/pedagogia/lectoescrita.htm>>, acesso em janeiro/2003.

FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo. Cortez/Autores Associados, 1986.

_____, Reflexões sobre alfabetização. Trad. Horácio Gonzáles et.al 2 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

_____, Com todas as letras . São Paulo: Cortez, 1992.

_____, Alfabetização e cultura escrita. Revista do Professor. Nova Escola. São Paulo: maio de 2003.

FERREIRO , Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Trad. Diana M.T.L. et.al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 12. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.